

3. Mahan Revisitado: Poder Naval e a Geopolítica dos Estreitos no Século XXI

Pedro Martins¹⁰

Carlos Miguel Souza¹¹

José Felipe Campos¹²

O Estreito de Ormuz é a única conexão marítima do Golfo Pérsico com o Golfo de Omã e o Mar da Arábia. Ele tem entre 55 e 95 quilômetros de largura e separa o Irã, ao norte, do exclave omanense de Musandam. Os Emirados Árabes Unidos também se localizam nas cercanias do Estreito, a uma distância

de 65 a 80 quilômetros de seu ponto mais estreito. Ali também se localiza a sede da Quinta Frota da Marinha dos Estados Unidos e por ele passa cerca de um quarto do petróleo mundial.

A Convenção das Nações Unidas sobre Direito do Mar (UNCLOS, na sigla em inglês) estabelece a livre navegação nos Estreitos. No entanto, o Estreito já esteve inserido em diversas disputas geopolíticas em que a sua livre navegação foi colocada em xeque. A primeira delas foi a chamada “Guerra dos Petroleiros” durante a Guerra Irã-Iraque (1980-1988), em que ambos os lados usavam os seus respectivos petroleiros como alvos. Pouco tempo depois, aconteceu a Operação Praying Mantis, realizada pela Marinha dos Estados Unidos como parte da Operação Earnest Will que, por sua vez, era uma resposta aos danos sofridos pelo USS Samuel Roberts por uma mina naval iraniana. Mais recentemente, a navegação de Ormuz esteve sob risco em 2011 e em 2018, ambas as ocasiões relacio-

¹⁰ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). E-mail: pedromendesmartins3@gmail.com

¹¹ Graduando no curso de Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisador do LabÁsia. E-mail: carlosmiguelscarvalho13@gmail.com

¹² Graduando no curso de Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista de IC pelo CNPq, pesquisador do LabÁsia. E-mail: josefelipe.7cp@gmail.com

nadas ao programa nuclear iraniano: nesta, como resposta à saída dos Estados Unidos do Acordo Nuclear e, naquela, como resposta à aplicação de sanções ao Irã por parte de Estados Unidos e União Europeia relacionadas às controvérsias do programa nuclear iraniano. Em 2019, a navegação também esteve sob risco por causa da Crise dos Petroleiros, quando diversos petroleiros foram atacados nas costas de Omã e dos Emirados Árabes Unidos, sem que nenhum país assumisse a responsabilidade pelos ataques. A penúltima ocasião em que Ormuz esteve sob risco de ser fechado foi na chamada Guerra dos 12 dias¹³ em que, após ter as suas instalações nucleares atingidas por um ataque conjunto israelo-americano, o Parlamento iraniano autorizou o fechamento de Ormuz. No entanto, a medida não foi adiante porque o conflito acabou antes que a medida pudesse ser apreciada pelo Conselho de Segurança Nacional iraniano.¹⁴

Finalmente, a ocasião mais recente ocorreu em 28 de fevereiro de 2026, quando Israel e Estados Unidos iniciaram uma série de ataques ao território iraniano com vistas a eliminar a cúpula do governo iraniano e a dismantelar as capacidades militares do país. A reação iraniana veio na forma de bombardeio de bases americanas espalhadas na região, do território israelense e na crescente restrição da navegação do Estreito de Ormuz. Os impactos sobre a economia internacional se espalharam de forma intensa, aumentando o preço internacional do petróleo, a inflação em vários países e o risco de uma desestruturação econômica internacional de grandes proporções. Mais do que um tópico de grande interesse para a economia internacional, o Estreito de Ormuz mostra a importância da Geopolítica clássica.

¹³ Refere-se ao conflito ocorrido em 2025 entre Irã, Israel e Estados Unidos, desencadeado após ataques israelo-americanos contra instalações nucleares iranianas.

¹⁴ Órgão constitucional iraniano previsto no artigo 176 da Constituição, responsável pela coordenação das políticas de defesa e segurança nacional do país. É presidido pelo Presidente da República e composto por representantes dos três poderes, das Forças Armadas e do Líder Supremo. Suas decisões estratégicas, como um eventual fechamento do Estreito de Ormuz, dependem da aprovação do Líder Supremo.

Geopolítica dos Estreitos

Alfred T. Mahan (1890) foi um almirante americano que desenvolveu a tese de que a geopolítica das nações deveria ser orientada pelo poder naval, uma vez que ele via os mares não como barreiras naturais, mas como estradas que qualquer país poderia percorrer. A consequência desse pensamento é que o binômio comércio marítimo e marinha de guerra robusta é o motor da prosperidade nacional, visto que enquanto o primeiro gera riqueza, a segunda protege os interesses expansivos e a segurança do Estado, pavimentando o caminho para a ascensão à condição de potência marítima. Ao analisarmos o Estreito de Ormuz à luz da geopolítica, torna-se observável que o controle de passagens marítimas vitais para o comércio internacional é de extrema valia para os Estados que anseiam projetar o seu poder sobre os demais. Nesse sentido, o Estreito de Ormuz é um gargalo marítimo estratégico que não pode ser facilmente contornado sem custos proibitivos de tempo e combustível (Imagem 1).

Imagem 1
Mapa do Estreito de Ormuz



Fonte: Encyclopaedia Britannica – Strait of Hormuz. Strait of Hormuz. [S.l.], 2026. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Strait-of-Hormuz>. Acesso em: 9 maio 2026.

Nesse contexto de recorrentes tensões geopolíticas em torno do controle do Estreito de Ormuz, torna-se necessário avançar da dimensão estratégica para a análise de seus efeitos concretos sobre o funcionamento do comércio mundial. O estreito constitui um dos principais *chokepoints* (pontos de estrangulamento) do sistema marítimo internacional, desempenhando papel central no escoamento de commodities energéticas e, por extensão, na sustentação das cadeias globais de produção e circulação. Estima-se que cerca de um quarto do comércio marítimo global de petróleo transite por essa passagem, o que corresponde a aproximadamente 20 milhões de barris por dia. Essa centralidade é ainda mais pronunciada quando se observa a composição das cargas: cerca de 38% do petróleo bruto transportado por via marítima, 29% do gás liquefeito de petróleo (GLP), além de volumes relevantes de produtos refinados e químicos, incluindo fertilizantes, dos quais aproximadamente um terço do comércio marítimo global depende dessa rota (IEA, 2026).

Dada essa centralidade, a região tornou-se um persistente palco de disputas geopolíticas e demonstrações de força entre os Estados Unidos e o Irã (Tabela 1). Os interesses iranianos em controlar o Estreito de Ormuz resultaram, de 1980 a 1988, na Guerra entre Irã e Iraque, a qual rapidamente se expandiu para o Estreito de Ormuz, assumindo o nome de Guerra dos Petroleiros. A hostilidade intensificou-se com a intervenção dos EUA na chamada “Operação Praying Mantis” dentro do escopo mais amplo da “Operação Earnest Will”, destinada a impedir a estratégia iraniana de utilizar minas navais e ameaças de fechamento do estreito para impedir o envolvimento internacional no conflito (BAIG, 2026).

Posteriormente, a Primeira Guerra do Golfo (1990-1991), entre Kuwait e Iraque, consagrou o Estreito de Ormuz como alvo de interesse primordial para os EUA. O confronto se desenrolou com a invasão iraquiana do Kuwait e a tentativa de controle das reservas de petróleo do país e posterior interesse em invadir a

Arábia Saudita, de maneira a administrar a margem ocidental do estreito. O interesse do Iraque em controlar essa porção do Estreito de Ormuz e a possibilidade de estrangulamento econômico sobre o ocidente ia de encontro aos interesses estadunidenses e resultou no estabelecimento da Quinta Frota como mecanismo de patrulhamento dos EUA na região. Devido à proximidade das forças navais estadunidenses nesse gargalo marítimo, o Irã acelerou o seu investimento em guerras assimétricas para tentar equilibrar a superioridade tecnológica da Marinha dos EUA no Estreito.

Tabela 1
Ocasões em que o Estreito de Ormuz foi alvo de disputas geopolíticas

Evento	Período	Descrição
Guerra dos Petroleiros	1980-1988	Durante a Guerra Irã-Iraque, ambos os lados miraram os petroleiros um do outro e usaram minas navais para interromper a navegação no Estreito
Operação Praying Mantis	1988	Reação americana aos danos sofridos pelo USS Samuel Roberts por uma mina naval iraniana. Na ocasião, a Marinha americana atacou embarcações iranianas
Ameaça de fechamento no contexto das sanções nucleares	2011-2012	O governo iraniano ameaçou fechar a navegação no Estreito em resposta ao aumento das sanções americanas e europeias ao seu programa nuclear
Ameaça de fechamento no contexto da falência do Acordo Nuclear iraniano	2018	Depois que os Estados Unidos se retiraram do Acordo Nuclear iraniano (oficialmente chamado de Joint Comprehensive Plan of Action – JCPOA), o governo iraniano ameaçou fechar o Estreito de Ormuz
Crise dos Petroleiros	2019	Uma série de petroleiros foi atacada em águas dos Emirados Árabes Unidos e de Omã. Os EUA acusaram o Irã de ter perpetrado os ataques e chegaram a enviar o grupo de ataque do porta-aviões USS Abraham Lincoln para a região. Veio na esteira da designação da Guarda Revolucionária Iraniana como organização terrorista pelo governo americano e se inseria no contexto mais amplo de disputas regionais entre Irã e Arábia Saudita
Guerra dos 12 Dias	2025	Durante os ataques israelo-americanos às instalações

		nucleares iranianas, o Parlamento iraniano autorizou o fechamento do Estreito de Ormuz. A medida não foi adiante porque, constitucionalmente, ela precisaria ser aprovada pelo Conselho de Segurança Nacional e o conflito acabou dias depois sem que a decisão fosse discutida
Guerra Israel-EUA e Irã	Em andamento	Durante a resposta iraniana aos ataques mais amplos de Israel e dos Estados Unidos à liderança iraniana, o governo do Irã autorizou — e implementou — o fechamento do Estreito de Ormuz, prejudicando a navegação. O governo permitia a navegação de navios iranianos, aqueles destinados à China ou aqueles que pagassem pedágio. Pouco tempo depois, o governo americano respondeu com um contrabloqueio do Estreito, impedindo que navios iranianos navegassem pelo Estreito.

Fonte: Elaboração dos autores a partir de ASSOCIATED PRESS. *Strait of Hormuz shipping oil disruptions*. AP News, [s.l.], 2025. Disponível em: **AP News**. Acesso em: 9 maio 2026, CNN. *Tanker attacks: A timeline of tensions between Iran and the US*. CNN International, Atlanta, 14 jun. 2019. Disponível em: CNN International. Acesso em: 9 maio 2026, **Naval History and Heritage Command**. *Operation Praying Mantis*. Washington, D.C.: United States Navy, [s.d.]. Disponível em: **Operation Praying Mantis**. Acesso em: 9 maio 2026.

Impactos do Estreito para o Comércio Mundial

Apesar de ser regulado pelo Artigo 38 da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, que diz respeito ao Direito de Passagem em Trânsito mesmo em cenários de segurança nacional, o funcionamento habitual do Estreito de Ormuz foi interrompido recentemente pelo Irã. Em fevereiro de 2026, os EUA, com o auxílio de Israel, lançaram a Operação Epic Fury com o fito de dismantelar a alegada infraestrutura nuclear iraniana, ação imediatamente correspondida pela iniciativa do Irã de ameaçar paralisar o fluxo de navios no Estreito de Ormuz. Após uma série de ataques de ambas as partes neste conflito, as expectativas de preços do gás natural e do petróleo aumentaram e, em meio às tensões, algumas empresas de seguro logístico iniciaram o cancelamento de suas apólices de seguro para esse trecho marítimo, o que auxiliou a estratégia do Irã de, no início de março, declarar formalmente o fechamento do Estreito de Ormuz (BAIG, 2026). As reverberações contemporâneas acerca do Estreito de Ormuz exemplificam o

motivo pelo qual o chokepoint mais crítico no setor energético asiático converte-se recorrentemente em epicentro de tensões geopolíticas de alcance global.

A importância do Estreito de Ormuz não decorre apenas do volume que por ele circula (Imagem 2), mas também da limitada capacidade de substituição dessa via. As alternativas disponíveis — o oleoduto emiradense Habshan-Fujairah e o oleoduto saudita Leste-Oeste — permitem redirecionar apenas uma parcela restrita dos fluxos energéticos, enquanto, no caso do gás natural liquefeito, inexistem rotas capazes de absorver volumes equivalentes no curto prazo. A contração abrupta do tráfego marítimo, com reduções próximas à paralisação do fluxo de navios, ilustra a materialidade das interrupções e revela o grau de vulnerabilidade das cadeias globais de abastecimento. Como consequência, o comércio internacional passa a operar sob restrições físicas e logísticas significativas, ao mesmo tempo em que se observa uma desaceleração do seu crescimento em escala global. A dependência de fluxos energéticos que atravessam o estreito amplia a exposição de economias interconectadas a choques localizados, reforçando a transmissão de efeitos adversos ao longo das redes de comércio e produção.

Imagem 2

Ormuz como chokepoint marítimo global



Fonte: CORREIO DA MANHÃ. *Mapa do Estreito de Ormuz*. Lisboa, 24 jun. 2025.

Disponível em: Correio da Manhã. Acesso em: 14 maio 2026.

As consequências foram imediatas: o preço do petróleo ultrapassou os US\$108 por barril no dia 18 de março (ASSOCIATED PRESS, 2026), refletindo a sensibilidade dos preços a riscos de interrupção no fornecimento. Paralelamente, observa-se uma elevação expressiva dos custos de transporte marítimo, bem como dos preços de energia e insumos industriais, incluindo fertilizantes, o que evidencia a rápida propagação dos choques ao longo das cadeias globais. Como resultado, observa-se o ressurgimento de pressões inflacionárias em escala global, acompanhado por maior volatilidade financeira, desvalorização cambial em economias em desenvolvimento e elevação dos custos de financiamento externo. Nesse sentido, os impactos da escalada militar no Estreito de Ormuz extrapolam a esfera estritamente comercial, ao se manifestarem como um mecanismo de propagação de instabilidades entre os mercados de energia e finanças, com efeitos particularmente severos sobre países mais vulneráveis.

Nesse sentido, o objetivo do presente artigo foi mostrar como os ensinamentos da Geopolítica Clássica, sobretudo os trabalhos de Alfred T. Mahan, ainda são relevantes na contemporaneidade. Também demonstra o tamanho do impacto que o Estreito de Ormuz tem para a economia internacional contemporânea e como ele pode ser usado como trunfo geopolítico em situações de tensões regionais.

Referências

- Associated Press. "Oil Prices Sink and Stocks Leap Worldwide on Hopes for a Reopening of the Strait of Hormuz." AP News, 6 de maio de 2026. Acesso em 9 de maio de 2026. <https://apnews.com/article/stocks-markets-oil-iran-trump-fddc46573a120d8235d0b696350b268d>.
- Baig, Naim Tahir. "Chokepoint as Weapon: Iran's Strait of Hormuz Blockade Strategy in the February–March 2026 War." *Journal of International Security Studies* 10, no. 1 (março de 2026): 1–25. [VERIFICAR — ver observações]
- CNN. "Tanker Attacks: A Timeline of Tensions between Iran and the US." CNN International, 14 de junho de 2019. [FALTA URL]
- Correio da Manhã. "Mapa do Estreito de Ormuz." 24 de junho de 2025. Acesso em 14 de maio de 2026. <https://www.cmjornal.pt/multimedia/infograficos/detalhe/mapa-do-estreito-de-ormuz>.
- Encyclopaedia Britannica. "Strait of Hormuz." Acesso em 9 de maio de 2026. <https://www.britannica.com/place/Strait-of-Hormuz>.
- International Energy Agency. "Strait of Hormuz." Paris: IEA, s.d. Acesso em 10 de abril de 2026. <https://www.iea.org/about/oil-security-and-emergency-response/strait-of-hormuz>.
- . Strait of Hormuz Factsheet. Paris: IEA, fevereiro de 2026.
- Mahan, Alfred Thayer. *The Influence of Sea Power upon History, 1660–1783*. Boston: Little, Brown and Co., 1890.
- Naval History and Heritage Command. "Operation Praying Mantis." Washington, DC: United States Navy, s.d. Acesso em 9 de maio de 2026. <https://www.history.navy.mil/browse-by-topic/wars-conflicts-and-operations/middle-east/praying-mantis.html>.
- United Nations. United Nations Convention on the Law of the Sea. Montego Bay, 10 de dezembro de 1982. 1833 U.N.T.S. 397.
- United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD). *Strait of Hormuz Disruptions: Growth and Financial Implications*. Geneva: United Nations, 1 de abril de 2026. Acesso em 10 de abril de 2026. <https://unctad.org/publication/strait-hormuz-disruptions-growth-and-financial-implications>.
- . *Strait of Hormuz Disruptions: Implications for Global Trade and Development*. Geneva: United Nations, 10 de março de 2026. Acesso em 10 de abril de 2026. <https://unctad.org/publication/strait-hormuz-disruptions-implications-global-trade-and-development>.